

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 1

MULHERES BUSCAM A ENGENHARIA



Maria Rosa Lombardi: a ferramenta-chave para minimizar as discriminações de gênero enfrentadas pelas engenheiras é a conscientização.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 2

Em entrevista exclusiva à Revista do Engenheiro, a socióloga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Maria Rosa Lombardi analisa o crescente aumento do número de mulheres engenheiras e da divisão sexual do trabalho que existe na engenharia.

REVISTA DO ENGENHEIRO – Se observarmos o mercado de trabalho podemos constatar uma crescente feminização. Uma pesquisa recente do Dieese seção Rio apontou que no mercado de trabalho de engenheiros, embora ainda seja predominantemente masculino, nas faixas etárias mais baixas é também crescente o ingresso de mulheres. Como a Senhora analisa esta situação?

MARIA ROSA – O aumento das mulheres entre os profissionais da Engenharia é um movimento esperado, pois desde a década de 1990, vem crescendo a proporção das mulheres entre os matriculados e concluintes de cursos de engenharia. Outra variável a considerar é o crescimento do número de cursos de engenharia autorizados a funcionar, principalmente a partir de 1990 e em instituições de ensino particulares. O estudo do Dieese sobre os engenheiros no Rio de Janeiro que você citou, comprova, justamente, que o aumento do emprego feminino mais significativo ocorreu para as jovens (especialmente as até 29 anos), que as jovens engenheiras ganham bem menos do que os homens, estão há menos tempo no emprego atual e são mais absorvidas por empresas privadas do que eles, desempenhando atividades profissionais, principalmente, no setor de serviços.

REVISTA DO ENGENHEIRO – Como os trabalhos da Senhora mostram, a engenharia civil é a que mais absorve mão-de-obra e é justamente aí onde as discriminações de sexo mais aparecem. Como minimizar este problema?

MARIA ROSA – Seja na Civil ou em outra especialidade, acho que a ferramenta-chave para minimizar as discriminações de gênero enfrentadas pelas engenheiras é a conscientização. Em primeiro lugar, das próprias engenheiras, que não identificam fatores e episódios de discriminação, como tal. Conscientização também é necessária aos engenheiros do sexo masculino, para aceitar a colega como uma profissional tão preparada quanto eles, evitando ironias e brincadeiras de cunho sexista que, em geral, menosprezam e intimidam as mulheres. Finalmente, a última perna do tripé está nas empresas: além de aceitar mulheres sem restrições para as di-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 3

ferentes atividades profissionais da engenharia, elas também contribuiriam para diminuir o espectro discriminatório que ronda a engenheira, entendendo que a presença feminina é um diferencial de competitividade, na medida em que introduz a diversidade de pensamento e comportamento nos seus quadros tecnológicos.

REVISTA DO ENGENHEIRO – A Senhora acha que os senges (Sindicato dos Engenheiros) devem implementar estratégias específicas para aumentar a sindicalização das engenheiras?

MARIA ROSA – Acho que sim, pois tradicionalmente, a filiação sindical feminina, em quase todas as categorias profissionais tem necessitado de estímulos específicos. Elas, normalmente, têm pouco ou nenhum horário disponível após o expediente, face às suas obrigações de donas-de-casa e mães, o que dificulta a participação em atividades do sindicato. Quando conseguem fazê-lo, uma das queixas das trabalhadoras é a ausência de aceitação e/ou de valorização devida nas questões que lhes dizem respeito (demandas por creches, por intervalos de descanso em trabalhos repetitivos etc.) pelo coletivo de trabalhadores do sexo masculino, que redundam na não discussão dessas questões e, mesmo, na sua exclusão dos acordos coletivos. No caso das engenheiras, muitas delas em cargos de comando, o tempo é ainda mais escasso e as horas trabalhadas tendem a crescer para além do horário normal de trabalho. Sabe-se, também, que as engenheiras, muitas vezes carecem de um fórum, composto, sobretudo de pares do mesmo sexo, para a troca de impressões, experiências e, mesmo, de informações profissionais.

REVISTA DO ENGENHEIRO – A maternidade, vida familiar e responsabilidade com o lar ainda são obstáculos para que a engenheira rompa com a segregação que sofre, sendo empurradas para áreas “relacionais”, longe das produções?

MARIA ROSA – Se até os anos 1960-1970, a maternidade e os cuidados com a família representavam obstáculos ao ingresso e à permanência das mulheres no mercado de trabalho, de lá para cá, essa situação tem sido bastante amenizada. Hoje, a maternidade não é mais obstáculo para a permanência das mulheres no mercado de trabalho, pois, após o parto, as mães voltam cada vez mais rapidamente ao trabalho. Os afazeres domésticos e o cuidado com a família, contudo, continuam sendo da responsabilidade das mulheres, mesmo que, cada vez mais, sobretudo os jovens casais, tendam a dividir essas responsabilidades. No estudo que realizei com as engenheiras, algumas delas, entre os filhos pequenos e a carreira, priorizaram os filhos. Outras, ao contrário, deixaram o casamento e a maternidade para mais tarde, priorizando o desenvol-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • maio/2007 • página 4

vimento de suas carreiras. Algumas engenheiras, face às responsabilidades domésticas, optaram durante um certo tempo, por empregos que lhes permitiam flexibilidade de horário, nem sempre bem remunerados e valorizados. Finalmente, não é o cuidado com os filhos e a família que empurram as engenheiras, preferencialmente, para áreas relacionais, mas as concepções de gênero presentes na sociedade brasileira como um todo e no mundo do trabalho, em particular. Elas atribuem lugares profissionais diferentes para cada sexo e os valorizam de forma diferente.

REVISTA DO ENGENHEIRO – A Senhora afirmou que há a inserção das mulheres na engenharia, até bem pouco tempo considerado domínio masculino, porém dentro do campo de trabalho há uma redivisão entre masculino e feminino. Poderia explicar como isso acontece?

MARIA ROSA – Trata-se aqui da divisão sexual do trabalho, que perpassa todo o tecido social, estabelecendo uma verdadeira “ordem de gênero” na esfera do trabalho, ou seja, atribuindo profissões e ocupações preferenciais para cada sexo, de tal maneira que o feminino esteja sempre subordinado ao masculino. Essa ordem de gênero se mantém por meio de concepções, estereótipos, que são construídos socialmente, por isso são mutáveis, variando no tempo e no espaço. Mas o mecanismo da divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo estruturam, junto com outras relações sociais, a vida em nossas sociedades. Assim, apesar de essas relações estarem em transformação, elas continuam em ação. Por isso, ao adentrarem os canteiros de obras, às engenheiras civis foram atribuídas, preferencialmente, algumas atividades (gerenciamento do canteiro, compras), consideradas mais adequadas às mulheres. Ao mesmo tempo, portanto, houve progresso, mas também se restabeleceu a divisão sexual do trabalho, internamente às atividades do canteiro. ✕

Entrevista realizada por Vanessa Franquilino, da REVISTA DO ENGENHEIRO, março de 2007, *Senge-RJ*, páginas 18 e 19.